

Cotação se estabiliza em duas semanas

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, prevê que em duas semanas o dólar estará estabilizado e numa cotação abaixo da encerrada ontem. A previsão do ministro foi feita em audiência que concedeu ontem ao presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fernando Bezerra. Ela foi repassada à noite a empresários de Brasília em encontro na Federação das Indústrias de Brasília (Fibra). Malan vai hoje à sede da CNI para pedir uma espécie de pacto com os empresários para que a elevação da cotação da moeda norte-americana destes dias não seja repassada aos preços, evitando com isso, o retorno da indexação.

Fernando Bezerra chamou o atual estágio da desvalorização da moeda brasileira (48% acumulados no fechamento de ontem) de "pura especulação".

Segundo ele, cenários elaborados pelos departamentos técnicos da CNI apontavam que o real, antes da alteração da banda cambial, no último dia 13, estava valorizado entre 15% e 20% em relação ao dólar. Os mesmos cenários, feitos para um ambiente de liberdade cambial, indicavam que a desvalorização ficaria entre 25% e 30%, com a cotação se estabilizando em R\$ 1,60. "Não há nenhuma razão para a desvalorização ficar nos patamares atuais", disse Bezerra.

Recuperação

Ele acredita que se o dólar se estabilizar num patamar de R\$ 1,60, a economia brasileira viverá um período de recessão acentuada no primeiro semestre, mas tende a se recuperar a partir do segundo semestre, para encerrar o ano com uma

queda de 2% do Produto Interno Bruto (PIB), praticamente o mesmo resultado previsto no final do ano passado, quando não se considerou desvalorização do dólar, acima do que estava programado (entre 7% e 8% ao ano).

Fernando Bezerra acredita ainda que as taxas de juros deverão começar a cair entre março e abril, devendo chegar ao final do ano com cerca de 15% ao ano. Ele também alertou as empresas que estão endividadas em dólar para que não paguem seus compromissos enquanto a cotação do dólar se estabilizar. Segundo ele, cerca de 60% das dívidas das empresas brasileiras estão a descoberto (sem proteção de operações de hedge) "e no patamar atual da cotação da moeda norte-americana, estas dívidas são absolutamente impagáveis". (A.N.)

Felipe Barra



BEZERRA: encontro com Malan